

Pastore viaja para explicar 2 065 a bancos e FMI

Brasília — Sonja Rego

Brasília — O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, embarca hoje para os Estados Unidos a fim de explicar a banqueiros e ao Fundo Monetário Internacional o Decreto-Lei 2 065, principalmente na parte referente às políticas salarial e fiscal. Com William Rhodes, coordenador do comitê de assessoramento dos bancos credores da dívida externa brasileira, vai acertar detalhes técnicos sobre o projeto 3 da renegociação da dívida, referente às linhas de crédito para o comércio exterior.

Pastore viaja em companhia do chefe do departamento econômico do Banco Central, Alberto Furuguen, para Nova Iorque. Amanhã, manterá um encontro com William Rhodes. À noite, segue para Washington. Lá, na quinta-feira, Pastore e Furuguen terão um encontro com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière. Vão explicar-lhe o Decreto-Lei 2 065, na parte que define os reajustes salariais e a política fiscal e a importância dessas medidas na execução do programa de ajustamento da economia brasileira acertado com o FMI. Isso depende a aprovação do Fundo para retomar a liberação dos recursos comprometidos com o Brasil (mais de 5 bilhões de dólares em três anos). A diretoria do FMI se reúne dia 18. Pastore volta ao Brasil quinta-feira.

Inglês verifica tudo

O assessor para a América Latina do Banco da Inglaterra, Alan Crawford, está no Brasil para manter contatos com autoridades e empresários, segundo informou ontem o assessor de imprensa do Banco Central, Reynaldo Ferreira. Crawford está-se informando sobre a inflação, déficit público e balanço de pagamentos. Ontem, ele se reuniu com o presidente do Banco Central, Afonso Pastore, no Palácio do Planalto.

O Governo da Primeira-Ministra Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha, vem mostrando resistência para cooperar com o programa de

financiamento externo do Brasil. Principalmente na parte em que atribui às agências oficiais de crédito dos países industrializados a responsabilidade de entrarem com 2,5 bilhões de dólares dos 11 bilhões de que o país precisa até o final de 84 (incluindo também recursos dos bancos privados, BIRD e BID).

Crawford manteve contatos com vários banqueiros e industriais, em São Paulo, dizendo acreditar que o acordo com o Fundo Monetário Internacional "vai sair em breve" e que o país ultrapassará as atuais dificuldades econômicas, segundo relato de um de seus interlocutores.

Crawford foi indagado sobre o comportamento dos bancos europeus em relação ao Brasil, revelando a um industrial que, hoje, há uma posição de otimismo, devido aos novos mecanismos adotados para superar as atuais dificuldades econômicas.

As reuniões de Crawford com empresários brasileiros ocorreram na última quinta-feira, em São Paulo, e foram individuais. Nesses encontros, ele ressaltou que há uma tendência de que, com o acordo com o FMI, haja um ajuste com os bancos privados e com os membros do Clube de Paris.

Segundo empresários que se reuniram com Crawford, ele ficou impressionado com o avanço da economia brasileira nos últimos anos, considerando que as dificuldades econômicas atuais são superáveis devido à existência de uma indústria moderna e à exportação de produtos primários.

Em São Paulo, Crawford manteve contatos com Fernão Bracher, vice-presidente do Bradesco, e Gastão Bueno Vidigal, presidente do Mercantil de São Paulo, e com executivos do Citibank, Itaú, Real e Bank of Boston. Ontem, ele se encontrou com o assessor especial para assuntos econômicos da Seplan, Akihiro Ikeda, com o assessor do planejamento, Carlos von Dollinger, e com José Carlos de Oliveira, da Sest. Hoje, terá reuniões no BC.



Pastore debate crédito comercial com Rhodes